

3.3 Do que diz respeito à “Raça” - O grupo da estação de rádio KJLH



Fig. 10 – Com os meninos de rua

O turista “negro” norte-americano tem a percepção de que as “relações raciais” no Brasil são tratadas com certa “invisibilidade”, o que eles apontam como negativo e indício de “racismo”. Esta percepção lembra o argumento de Marvin Harris: um mecanismo que permite uma associação direta entre signos de *status*/prestígio e uma condição de “menos-negro”, esta última sendo representada por uma miríade de sinônimos tais como moreno, moreninho, mulato e daí por diante. Sinônimos que, nesta perspectiva, maquam a descendência africana. Sinônimos que, para além de representar, **para os brasileiros**, uma miscigenação como dita o “mito das três raças”, representa a negação do “ser ‘negro” **aos olhos dos “negros” norte-americanos**. Uma

negação que se torna dupla, quando articulamos Harris com a afirmação de Peter Fry de que os símbolos étnicos no Brasil teriam sido convertidos em símbolos nacionais⁹¹. O impasse, no entanto, se dá devido à própria natureza dos roteiros “étnicos”: não somente a busca, mas sobretudo a identificação da herança africana, para encontrar esse “ser negro” no Brasil!, já que este “étnico” parece estar recortado desta forma mais por causa do “consumidor”, que por conta “do produto” de fato.

A dinâmica de prestígio e estigma que é acionada pela variável raça quando um “negro” ocupa posição privilegiada na estratificação social brasileira entra em colapso quando esse “negro” é norte-americano. Uma dinâmica que, segundo Harris, permite que “negros” brasileiros sejam vistos como “menos brancos” devido a fatores sócio-econômicos. No entanto, este colapso se dá, devido à tensão propiciada pelo arranjo quando o “negro” norte-americano, com posição sócio-econômica mais alta, não admite ser visto enquanto outra coisa senão “negro”. E para completar este quadro, reforçam sua “negritude” a partir de uma idéia de diáspora africana na qual os brasileiros seriam também componentes deste corpo maior que perpassaria as fronteiras nacionais, um corpo recortado pela “cor” da pele e, suponho, pela posição econômica.

É extremamente esclarecedor para o nosso problema, ler em *Feijoada e soul food 25 anos depois*, de Fry a frase: “**Não existe soul food no Brasil**”⁹², visto que ela nos dá a dimensão de que, apesar da existência do mesmo prato tanto no Brasil quanto nos EUA, eles de fato significam coisas diferentes. Ou seja: não existe turismo étnico no Brasil!

O problema está no fato de que este mercado existe e olha para o Brasil como “produto turístico” referencial. É aí que se apresenta o desafio para o *trade turístico*! Acredito que, de certa forma, é preciso ouvir um pouco mais o que pensam estes turistas, para tentar conseguir formatar um “produto turístico” que atenda às suas expectativas, visto que o cerne do produto “étnico” é sabido como constitutivo da cultura nacional.

⁹¹ Ver Fry, P. (2001:43).

⁹² Ver Fry, P. (2001:43).

Como neste trabalho descrevi a chegada do primeiro grupo de turistas “negros” norte-americanos com o qual tive contato, decidi descrever o último grupo que utilizei para minha pesquisa de campo, o da estação de rádio KJLH, de Los Angeles, doravante denominado somente KJLH. Esta escolha se deu por dois motivos, que considero significativos: ser um grupo padrão de “turismo étnico” e ter tido uma outra guia trabalhando, além de mim.



Fig. 11 – Em Santa Teresa

Primeiramente, gostaria de explicar que entendo como um “grupo-padrão de turismo étnico” aquele que, de fato, vem ao Rio de Janeiro interessado em uma possível exploração da interface de origem africana na cultura brasileira. Para estes grupos, geralmente são desenvolvidas programações que ocupam a maior parte do tempo da estadia na cidade com visitas. Em outras palavras, são grupos que consomem os produtos turísticos, desde hotéis e excursões, até shows, restaurantes, souvenirs, etc. Todo o tempo da estadia.

Pude constatar que existe uma variação mínima entre um programa e outro, entre aqueles que foram observados durante meu campo, mesmo considerando diferenças estruturais como: a agência norte-americana (exportativo), a agência brasileira (receptivo), a origem do grupo (rádio, igreja, universidade) e a quantidade de turistas. De fato, esta homogeneidade dos programas já tinha sido possível observar através dos *websites* analisados no capítulo 1. Apesar da descontinuidade existente na nomenclatura “turismo étnico”, quando da passagem dos *sites* das agências de viagens norte-americanas para os *sites* brasileiros, das agências ou do próprio governo, ainda assim vejo uma diferença mínima nos programas, que está mais centrada na não-racialização dos mesmos. Neste caso, entendo que chamar um programa de “étnico” parece ser cabível como especificidade da sociedade norte-americana, enquanto ter símbolos étnicos e a manipulação dos mesmos como parte da cultura nacional permite que, no Brasil, ainda que ao falar dos mesmos programas, entenda-mo-los como mais um programa de turismo cultural brasileiro.

Ter programas tão similares é um dado que me permite a eleição do KJLH como referencial para descrição do seu programa e das opiniões dos turistas no que diz respeito à tensão das percepções diferenciadas de “relações raciais”, “raça” e “racismo”.

O KJLH foi um típico grupo de “etnoturistas” norte-americanos, com a vantagem de ter possuído um número médio de passageiros, o que demandou que fossem contratados dois guias para a operação. A idéia foi basicamente dividir os 52 passageiros em dois ônibus com a intenção de deixar mais espaço livre dentro de cada um dos ônibus para que o conforto fosse maior. Este foi o outro fator que me fez utilizar esta experiência como referência, porque tive a possibilidade de ver a atuação de uma outra guia e localizar alguns pontos específicos nos quais esta tensão se marcava.

O KJLH foi um grupo que visitou primeiro Salvador e veio em seguida para o Rio de Janeiro. Seu programa previa uma estadia de quatro dias, em um hotel de luxo na Praia de Copacabana.



Fig. 12 – No *lobby* do hotel

O primeiro dia do KJLH tinha somente o traslado do aeroporto para o hotel. O grupo chegou de Salvador em um voo às 18h55, eram 52 turistas e até que todos tivessem saído da área restrita do aeroporto já eram 20h00. Eu e a outra guia dividimos o grupo em duas partes, embarcamos a metade em um ônibus e a outra no outro e seguimos para o hotel. Ali chegando, a gerência tinha preparado os drinks de boas vindas junto com o check-in, em um salão do primeiro andar. As etapas seguintes foram ajudar a preencher as fichas de entrada no hotel, dar as instruções com relação ao café da manhã do dia seguinte e marcar o horário para a saída da excursão de manhã. Durante o preenchimento das fichas, no entanto, a agente de viagens pediu para me falar em particular. Fomos ao saguão ao lado do salão onde estávamos, e ela começou a perguntar-me coisas sobre a outra guia (quem era? se era experiente? onde morava?), eu disse o que sabia e então ela me aconselhou:

“Parece que os clientes que vieram no ônibus dela acreditam que ela seja racista! Segundo eles, ela disse que aqui no Brasil eram todos, sobretudo misturados, e que ela não considerava que fosse possível pensar a existência de uma referência puramente africana. Pois Marcelo, ela precisa entender que estas pessoas que estão aqui vieram exatamente para ver as conexões existentes com a terra mãe, e que nós sabemos que existe. Então, preciso que você fale com ela... porque se ela não se considera negra, não precisamos dela!”

Agente de Viagens do KJLH

Ao ouvir, sobretudo a última parte do relato, comecei a entender o que tinha acontecido e perguntei se a guia tinha se identificado como branca. A agente me disse que não, mas que, porém, ao se apresentar, ela teria informado que:

“[...] a grande maioria dos brasileiros tinha sangue misturado e que da mesma forma que ela possuía sangue de negros, possuía também sangue índio e branco. E que a filha dela, por exemplo, teria nascido com cabelos muito lisos e pele branca, mas que ainda assim tinha ascendência africana. Que ela tinha consciência disso e esta era a razão, portanto, pela qual ficava difícil separar as raças no Brasil”.

Esta é a uma típica tensão que se apresenta devido às diferentes leituras sobre ancestralidade africana. O KJLH ajudou-me a apurar meu olhar com relação às representações sociais dos turistas pelo fato de ter sido possível, em vários momentos, me distanciar e ver, lado a lado, as duas posições, por vezes conflitantes: de um lado, os “negros” norte-americanos confirmando sua posição,

sobre o quão racista seria o que eles denominaram “daltonismo racial” da sociedade brasileira. Do outro lado, tinha a guia, que dizia que a cultura brasileira não tinha o mesmo arranjo que a norte-americana no que dizia respeito às relações raciais, e que não era culpa dela se o Brasil não tinha uma linha demarcatória entre “brancos e negros” como eles queriam. Quando perguntei a ela se estava tudo bem, ela me respondeu:

“Gosto e defendo minha sociedade assim mesmo, daltônica do jeitinho que ela é... e eles precisam se dar conta disso. Precisam entender que isso aqui é o Brasil, não os EUA!!!”.

Guia 2 KJLH

É muito significativo, no entanto, esclarecer que depois de mais de uma década trabalhando com os “negros” norte-americanos eu já me encontrava familiarizado com as suas percepções com relação às “relações raciais” no Brasil e sabia, por exemplo, da perseverança de uma visão “bipolarizada” racialmente, e da tentativa de leitura da sociedade brasileira a partir de uma ótica que possuísse “negros” de um lado e “brancos” de outro, mesmo que para tal muitos arranjos fossem possíveis. Durante muitos anos, eu disse também possuir bisavós europeus, e sempre era repreendido, ou seja, a situação em que a outra guia se encontrava era muito familiar para mim. O fato é que, com a experiência, aprendi a não mencionar qualquer outra ancestralidade que não a “negra”, sobretudo na chegada do grupo quando se estabelece o primeiro contato, e isso pareceu resolver a questão. Esta solução evita o confronto do mito das três raças e a bipolarização norte-americana. E para além das duas posições tão legitimamente argumentadas, ainda me atingia a cabeça a lembrança do Prof. Peter Fry afirmando o quanto as representações sociais são também reais. O que me fazia considerar o quanto de razão estava contido no que cada uma das posições sustentava.

O segundo dia de programação tinha um *tour* saindo às 9h00 da manhã à cidade de Petrópolis. Geralmente nos grupos de etnoturistas, o foco desta

excursão deixa de ser “O Brasil Imperial”, como de praxe, e passa a ser “A sociedade escravista do Brasil durante o Império”. Uma forma mais recortada de observar a sociedade do Brasil no século XIX, na qual os escravos passariam ao primeiro plano. Como existe um percurso de aproximadamente 1h20m até a cidade a ser visitada, temos a possibilidade de falar sobre vários aspectos da sociedade brasileira como educação, escolaridade, mercado de trabalho, saúde, etc., sempre dialogando com perguntas que remetem à população “negra”. Esta foi uma excursão de aproximadamente 8 horas, devido à distância entre as duas cidades, adicionado ao tempo para almoço, o que significa dizer que o retorno ao hotel se deu por volta das 17h00.

À noite, a programação começou às 19h00 e terminou 00h30. Primeiro, tivemos um jantar em uma churrascaria e depois um show folclórico em uma casa de espetáculos turísticas famosa na cidade. No show estão representados, dentre outros, danças típicas do Brasil como o frevo, o maracatu, a lambada e o samba. Considero relevante apontar que os espetáculos turísticos no Rio de Janeiro possuem elenco composto com boa quantidade de “negros”, o que aos olhos dos turistas “afro-americanos” é visto como positivo. No entanto, é sempre seguido de uma crítica, em que eles dizem querer ver “negros” em outros lugares que não as artes e os esportes. Segundo eles, estes seriam os únicos postos onde encontramos “negros” e que isso seria um indício de racismo, “o que queremos ver”, diriam, “são médicos, advogados, empresários, etc”. Este é também um reflexo da percepção com relação à configuração do mercado de trabalho que, na realidade, permeia durante todo o tempo as interpretações sobre o Brasil.

No terceiro dia iniciamos, novamente, às 9h00, outra excursão com aproximadamente 8 horas de duração. Começamos pela visita ao Corcovado, que foi seguido de um almoço na “Casa da Feijoada”, um restaurante em Ipanema, conhecido por servir especificamente o famoso prato nacional. Este restaurante chama a atenção desses grupos por ter em suas paredes quadros nos quais podem ser vistas pinturas de “negras” escravas cozinhando, em grandes painéis de barro, o que mais tarde se transformou em um prato

nacional no Brasil: a feijoada. Curiosamente, apesar de reconhecerem o prato enquanto similar à comida produzida no Sul dos EUA, sempre parecem estar muito atentos para as peculiaridades enquanto “prato típico”, e se mostram bem satisfeitos que este tenha se transformado em um prato tão popular no Brasil, independente da classe social ou da “cor” dos brasileiros. Após o almoço, visitamos o Pão de Açúcar e prosseguimos para o centro da cidade para visitar o bairro da Gamboa, a Pedra do sal, o Sambódromo e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, junto com o museu do “negro”, na rua Uruguaiana. Esta é a parte entendida como específica de cultura “negra” pelos agentes de viagens, tanto os cariocas quanto os norte-americanos. O retorno para o hotel se deu por volta das 17h00 e a noite não possuía programação, o que é chamado de noite livre.

O último dia da programação foi livre para compras. A maioria dos turistas foi pela manhã a uma famosa joalheria em Ipanema e depois continuou suas compras pelo mesmo bairro. Houve também aqueles que preferiram fazer compras em um *Shopping Center* em Botafogo; de fato, este foi o único momento livre que tiveram e o aproveitaram para compras.

Antes de prosseguir para a parte final e o traslado de volta para o aeroporto, penso ser crucial observar aqui o fato de os “etnoturistas” possuírem geralmente uma programação tão intensa. Este é um dado importante na análise comparativa com o “turismo sexual”, visto que todo o tempo livre que estes turistas tiveram foi utilizado para compras.

A saída de volta para o aeroporto tinha sido marcada para às 18h00; no entanto, como o horário para check-in e check-out no Brasil é 12h00, isso determina o horário que o apartamentos nos hotéis devem ser desocupados. Assim, devido à “qualidade” do grupo, foi possível que o agente de viagens brasileiro negociasse a permanência nos apartamentos até às 16h00. Digo “qualidade” porque este grupo comprou para todos os turistas somente apartamentos com vista para o mar, que são referentes às suítes mais caras daquele respectivo hotel. Enfim, às 16h00 horas todos os apartamentos já estavam liberados e a grande maioria dos passageiros sentados no *lobby*, aguardando o horário para a saída para o aeroporto. Como estes turistas tinham

um vôo às 21h50m, não fazia nenhum sentido sair do hotel tão cedo, por isso três apartamentos foram mantidos para uso comum até às 18h00 horas, quando o ônibus chegaria para o embarque.

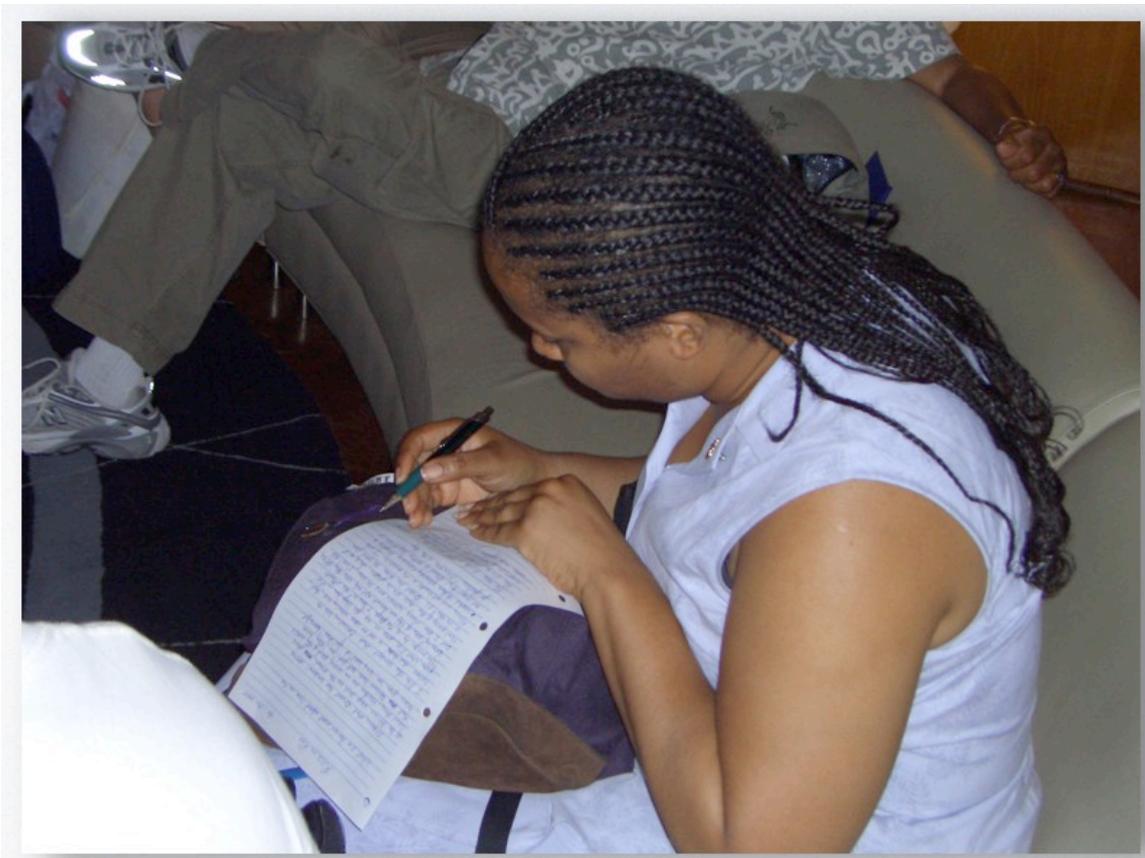


Fig. 13 – Uma das percepções

Eu cheguei ao hotel às 16h00 horas e, como havia uma quantidade significativa de passageiros sentados no saguão já aguardando para o embarque que se daria em duas horas, perguntei, então, se se incomodariam em contribuir para minha pesquisa de campo, que a essas alturas do campeonato todos já estavam cientes do que se tratava. Concordaram e então entreguei uma folha de papel e caneta para cada um deles, e pedi que redigissem suas opiniões sobre “as relações raciais no Brasil” e a experiência que estavam acabando de viver.

Das folhas que entreguei, recebi de volta 26 com as impressões pessoais de cada um deles, algumas das quais gostaria de compartilhar e comentar a